

A construção do dispositivo clínico a partir da estrutura do discurso.

The construction of the clinical device based on the structure of discourse.

HAYDÉE MONTESANO

RESUMO:

O presente trabalho formula como hipótese principal que a escolha de Freud do mito de Édipo, extraído da tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles, estabeleceu o gênero trágico como lógica da clínica psicanalítica. Essa ideia sustenta-se e fundamenta-se na indicação feita por Lacan no seminário *O avesso da psicanálise*, argumentada a partir da estrutura do discurso do mestre e do discurso da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Édipo – tragédia – discurso do mestre – discurso da psicanálise – romantismo – texto-clínico.

ABSTRACT:

The present work formulates as its main hypothesis that Freud's choice of the Oedipus myth, taken from the Greek tragedy *Oedipus Rex* by Sophocles, established the tragic genre as the logic of psychoanalytic clinical practice. This idea is supported and grounded in Lacan's observation from the seminar *The Other Side of Psychoanalysis*, argued from the structure of the Master's discourse and that of Psychoanalysis.

KEYWORDS: Oedipus – tragedy – master's discourse – psychoanalytic discourse – romanticism – clinical-text.

Introdução:

No contexto do seminário *O Avesso da Psicanálise*,¹ na aula em que Lacan aborda a distinção entre o mito e a estrutura, ele diz que Freud toma o mito de Édipo posto em ação na tragédia, assinalando a relevância que isso adquire.

Para além da deriva que Lacan toma a respeito dessa afirmação, podemos abrir o questionamento sobre a implicação, no ponto de partida da psicanálise, da escolha de um gênero literário em particular, como é o caso da tragédia.

A partir dessa pergunta, proponho um percurso que tenta estabelecer as consequências na dimensão clínica, entendida como dispositivo de discurso e em sua relação com a estrutura discursiva: o **texto-clínico**.²

¹ Lacan, J. (1992). *El seminario. Libro 17*. Buenos Aires: Paidós.

² Montesano, H. (2021). *El texto-clínico. Un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva.

O que apresento hoje é um mapa, um traçado geral dos aspectos centrais; cada um dos itens abordados é um capítulo muito mais amplo que será desenvolvido na pesquisa que apresentarei durante o próximo ano.

1. Um ponto de partida

No *Seminário 17*, Lacan encerra a aula de 11/03/70, propondo analisar o complexo de Édipo como “um sonho de Freud”. Esse questionamento explícito ao estatuto conceitual de uma das noções primordiais da psicanálise articula-se com o argumento desenvolvido na aula anterior, de 18/02/70, na qual ele conclui de maneira taxativa que a via para orientar a análise passava pelos ditos, as configurações de “a histérica”. É fundamental localizar em quais aspectos se apoia a observação de Lacan:

[...] deveriam ter-lhe servido aqui de guia melhor do que o complexo de Édipo e deveriam tê-lo levado a pensar que isso sugere a necessidade de reconsiderar, no nível da própria análise, qual é o saber que faz falta, para que este saber possa ser posto em questão no lugar da verdade. Eis o objetivo do que trataremos de desenvolver para vocês este ano.³

Os eixos conceituais que ele coloca em consideração são o saber e a verdade, tal como Lacan articula nas fórmulas do discurso: o saber como um dos quatro elementos e a verdade como um dos quatro lugares.

Nessa lógica, já não se trata de elevar o conteúdo do mito – pessoal – a um estatuto conceitual da teoria psicanalítica; a proposta é passar do mito à estrutura.

Embora retorne a este tema mais adiante, quero assinalar outro aspecto, que é o central nesta pesquisa. É a consequência na orientação clínica, derivada da escolha de Freud de um mito em particular articulado ao gênero literário da tragédia.

2. A tragédia como gênero e no contexto do romantismo

Para avançar nesse propósito, primeiro será necessário estabelecer algumas condições básicas sobre o gênero trágico, centrando-nos na produção e características específicas de Sófocles, e depois situar

³ Lacan, J. (1992). Op. Cit. p. 106.

a reinterpretação que se realiza sobre a tragédia a partir do movimento romântico. O contexto do romantismo é fundamental, na medida em que sustento que, embora Freud não fosse romântico, sua (teoria do) inconsciente sim.

Tomo como referência a introdução de Jorge Bergua Caverio em *Tragédias – Sófocles*, Biblioteca Gredos.⁴ O gênero trágico originou-se na antiga cidade-Estado de Atenas, por volta do século IV a.C., como derivação de rituais religiosos sacrificiais ao deus Dioniso; atingiu seu esplendor no século V a.C. com figuras como Sófocles, Eurípides e Ésquilo. Segundo Caverio, funcionava como espelho da pólis, no qual “encontraram expressão artística os grandes problemas e aspirações dos homens gregos e especialmente dos atenienses”.⁵ As tramas argumentais sustentavam-se nos personagens de deuses e heróis da rica mitologia grega e eram consideradas um gênero de interesse público, atribuindo-lhe uma função na organização da pólis.

Em particular, Sófocles introduz modificações na estrutura dramática do gênero trágico; a mais relevante para o nosso interesse é a ruptura da trilogia instaurada por Ésquilo. Nesse formato, as três tragédias eram uma continuação uma da outra e operavam como um todo, por exemplo, a Oresteia ou Orestíada, que trata sobre o final da maldição da casa de Atreu.

A inovação de Sófocles é justamente dar autonomia temática e argumental a cada uma das tragédias. Isso impacta nas características do herói trágico, mais isolado e individualizado, concedendo-lhe um relevo desconhecido até então. Sob essa nova condição, ficam relegados a um lugar secundário os motivos arcaicos, como poderia ser a maldição que perseguia uma família através de várias gerações.

Segundo Caverio, essa mudança indica o abandono da antiga existência tribal e uma incipiente passagem ao individualismo que desponta nos “ares ilustrados do século V a.C.”,⁶ algo que Sófocles consegue refletir em suas tragédias.

Se passamos agora a considerar como o romantismo reinterpreta a tragédia grega, vários são os textos de referência; tentarei fazer uma síntese que reúna o mais destacado para o interesse desta apresentação.

Em termos gerais, pode-se estabelecer que o movimento romântico recupera a tragédia grega do esquecimento em que caiu durante séculos. Como parte da lógica do retorno aos valores antigos com os quais construíram a rejeição à modernidade, o gênero trágico foi um dos elementos privilegiados porque articulava dois níveis de interesse. Por um lado, era a evidência do que Schiller designou poesia ingênua: a obra do poeta antigo estava em harmonia com a natureza, representando a unidade perdida por causa dos valores modernos. Por outro lado, interpretam em sua estrutura dramática a encenação da conflituosidade da existência humana; tal como a define Goethe:

⁴ Sófocles. (2008). Edipo Rey. Em *Tragedias*. Barcelona: Biblioteca Gredos.

⁵ Caverio Bergua, J. (2008). Introducción. Em Sófocles. *Tragedias*. Barcelona: Biblioteca Gredos. p. XI

⁶ Ibidem. p. XXI.

Todo o trágico baseia-se numa oposição irreconciliável. Assim que se apresenta ou se torna possível uma conciliação, desaparece o trágico.⁷

Nesse sentido, a tragédia parece inclinar-se para o seu antecedente originário, a figura do deus Dioniso, já que o conflito irreparável ocorre porque a razão, a justiça e as leis humanas são sempre insuficientes ante as forças que transcendem sua compreensão. Em última instância, esta é a única verdade acessível, verdade última que expõe uma fatalidade. Isto constitui uma diferença notável com o critério da Grécia antiga, já que o abismo aberto pela tragédia não desembocava em niilismo ou pessimismo, mas pressupunha uma ordem e equilíbrio superior que gerava sossego no espectador.

Para concluir esta síntese, faço em particular uma breve menção a *O Nascimento da Tragédia*⁸ de Nietzsche, porque considero que expressa de maneira cabal uma lógica muito próxima a boa parte das concepções de Freud; ao que acrescento a citação que ele realiza no capítulo VII, ponto B de “A Interpretação dos Sonhos”:

No sonho continua atuando um antiquíssimo veio do humano que já não se pode alcançar por um caminho direto.⁹

Embora Freud não aponte o nome do texto de onde toma esta citação, em boa medida ela se vincula com o que passo a considerar.

O Nascimento da Tragédia é o primeiro livro do jovem Nietzsche, em sua condição de filólogo e reconhecendo a influência de Wagner e Schopenhauer, na tentativa de rejeitar o otimismo científico. Encontra na tragédia antiga o marco normativo para avançar nessa contracultura.

Apoia-se na representação que os gregos tinham dos deuses Dioniso e Apolo para estabelecer o nome de dois impulsos opostos; Apolo ligado às artes plásticas e Dioniso à arte da música. Percorrem em paralelo um caminho de permanente discrepância, até que, em virtude de um milagroso ato metafísico da vontade helênica, aparecem fundidos e, mediante esta fusão, engendram a obra artística – dionisiaca e ao mesmo tempo apolínea – da tragédia ática.

Apresenta-os em analogia com dois aspectos fisiológicos: o sonho para o apolíneo e a embriaguez para o dionisiaco.

O sonho aporta a boa aparência, a beleza da divina proporção que só chega ao homem do deus através do onírico; em troca, a embriaguez traz à cena a desmedida do encontro da natureza com o homem, o violento estouro da animalidade.

⁷ Cavero Bergua, J. (2008). Op. cit. p. XIX.

⁸ Nietzsche, F. (2014). *El nacimiento de la tragedia*. Madrid: Gredos.

⁹ Freud, S. (2008). “La interpretación de los sueños” en *Obras Completas Vol. V*. Buenos Aires: Amorrortu. p. 542.

3. O inconsciente romântico de Freud, uma tragédia

Tal como argumentei numa apresentação prévia, embora possamos afirmar que Freud não pode ser considerado um romântico, paradoxalmente sua concepção do inconsciente sim. Um dos fatores que permitem confirmar esta ideia é, pontualmente, sua escolha de uma tragédia e especificamente “Édipo Rei” ligada à interpretação de um dos sonhos típicos.

Ao abordar este ponto em particular, Freud diz:

[...] há uma certa quantidade de sonhos que quase todos sonharam da mesma maneira e dos quais costumamos supor que também têm em todos o mesmo significado. Estes sonhos típicos suscitam um interesse particular, além disso, porque se pode conjecturar que em todos os seres humanos brotam das mesmas fontes [...].¹⁰

Esta asserção tem um peso particular quando ele aborda “Os sonhos da morte de pessoas queridas”, nos quais distingue aqueles em que, ao despertar, não se experimentou pesar, daqueles em que surge um sentimento doloroso. Aos primeiros, ele os exclui do conjunto de sonhos típicos, enquanto que os segundos seriam os que sim se reconhecem como esses sonhos nos quais a dor registrada indica – em todos eles – o desejo de que essa pessoa morra.

Sob esta concepção, ingressam os sonhos cujo conteúdo é a morte do pai, fundamentando o desejo de sua morte na etapa infantil em que o desejo incestuoso sobre a mãe implica o desejo parricida. Para sustentar sua hipótese, apoia-se, com base no mencionado previamente, na saga de Édipo e “[...] ao drama de Sófocles que leva esse título”.¹¹

A partir desta síntese, surgem duas observações; uma é que Freud desconsidera o critério geral que aponta para a tensão entre a vontade onipotente dos deuses e a vã resistência do homem para explicar o impacto desta tragédia nos espectadores. Ele sanciona que se deve ao particular tema que ali se joga na trama de destino *versus* vontade humana.

A outra observação é que, analisando o caso em particular destes sonhos, ele refere-se ao processo alterado no qual falhou a censura sobre os conteúdos reprimidos. Isto remete à ideia geral de Freud sobre o aparelho psíquico: duas instâncias em conflito que se assemelham notavelmente ao esquema que Nietzsche propõe sobre o impulso dionisíaco e o impulso apolíneo.

Para fechar este ponto, proponho que, junto ao valor que ele outorga ao argumento da tragédia de Édipo, também está apoiada sua análise numa concepção trágica romântica da instância psíquica.

¹⁰ Freud, S. (2008). Op. cit. p. 269

¹¹ Ibidem. p. 270.

4. A psicanálise ao avesso: discurso do mestre – discurso da psicanálise

Muitas coisas poderíamos dizer acerca desse “ao avesso” que Lacan propõe no *Seminário 17*, mas hoje vou me centrar no avesso que se constrói, já que não está dado, na lógica de contraponto que se formula entre o discurso do mestre e o da psicanálise.

Tomemos em consideração sua escrita:

Discurso do Mestre

$$\frac{S_1}{\S} \longrightarrow \frac{S_2}{a}$$

ponto da semitorção

Discurso da Psicanálise

$$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \frac{\S}{S_1}$$

Conservo a diagonal entre as fórmulas destes dois discursos para que se mantenha a espacialidade que se constrói escrevendo-os numa faixa de Moebius, cuja semitorção produz-se no ponto médio da diagonal, no que Lacan estabelece como um “contraponto”.

Lembremos os 4 elementos:

S_1 : Significante mestre

S_2 : Significante do saber

$\S$: Sujeito dividido

a : Objeto a mais de gozar

Os 4 lugares:

Agente	Outro
Verdade	Produção

É chave para o que resta desenvolver ter presente que a escrita com a álgebra lacaniana das fórmulas do discurso são as que justificam e sustentam a passagem que se produz na construção do avesso da psicanálise de Freud.

Tomo uma das leituras que esta operação nos habilita; é a que se refere ao efeito de mascaramento que gera o discurso do mestre. Isto se explica na medida em que o S_1 está localizado no lugar do

domínio e sua intervenção determina o campo do saber, expressado no S_2 , entendido como uma bateria significativa que constitui a rede de um saber já dado.

Por sua vez, o mascaramento será vinculado por Lacan ao lugar que Freud outorga ao mito, neste caso pondo no centro da crítica o mito científico do assassinato do pai da horda:

[...] mas já podem ver o principal – tudo conduz à ideia do assassinato, a saber, que o pai original é aquele a quem os filhos mataram, após o que certa ordem resulta do amor por este pai morto. Isto com suas enormes contradições, seu barroquismo e sua superficialidade, não parece apenas uma defesa contra as verdades que articulam claramente na sua proliferação todos os mitos, antes que Freud, ao escolher o de Édipo, restringisse essas verdades? Do que se trata de dissimular? Que, quando entra no campo do discurso do amo [...] o pai está castrado desde a origem. Disso, Freud apresenta uma forma idealizada, uma forma que está completamente mascarada.¹²

A objeção de Lacan não é à condição do mito como tal, como termo conceitual; mais ainda, ele coloca o mito em relação direta com a verdade, enquanto meio dito. Para sustentar esta relação, apoia-se na análise que Lévi-Strauss realiza sobre a estrutura dos mitos mediante sua leitura organizada como uma partitura musical. O problema que assinala é sobre a função que Freud lhe outorga, que interpreto na linha de fazê-lo operar como uma verdade universal e totalizante.

Permito-me concluir que, numa das linhas possíveis de leitura, se o discurso do mestre pode ser considerado como o inconsciente, seria o inconsciente freudiano, interpretado a partir do avesso que se constitui nos dois quartos de giro para situar o discurso da psicanálise; ali, algo do saber no lugar da verdade desmascara o discurso do mestre; o que me permito propor como a escrita do A , em lugar do termo pai castrado.

5. Os gêneros na orientação clínica

Seguindo Lacan em sua lógica, advertimos que a passagem do mito à estrutura significa analisar o registro narrativo do mito para escrever sua estrutura. Esta possibilidade depende do gênero discursivo com o qual operemos. Se considerarmos que a formalização do discurso da psicanálise nos oferece um método de análise que opera com a lógica significativa, com tudo o que isso implica na intervenção sobre a sequência narrativa do material do caso, isso corresponde ao que, na ocasião, propus como novo gênero de discurso: texto-clínico; isso nos permitirá sua formalização de estatuto lógico-matemático.

¹² Lacan, J. (1992). Op. Cit. p. 106.

A título de esclarecimento, utilizo o conceito de gênero conforme a proposta de Todorov, que define os gêneros segundo a estrutura do discurso no qual são formulados.

Com base nisso, o gênero literário da tragédia prescreve analisar um conteúdo manifesto ao qual supomos um conteúdo latente, que, enquanto tal, já está ali; trata-se de desvendá-lo, de arrancar uma verdade última das entranhas mais escuras da história da humanidade inteira.

Esse gênero, ainda que com a queda da anedota edípica, por sua estrutura discursiva ligada ao discurso do mestre, produz uma clínica marcada pela romantização do inconsciente.

BIBLIOGRAFIA:

1. Caverro Bergua, J. (2008). Introducción. Em Sófocles. *Tragedias*. Barcelona: Biblioteca Gredos.
2. Freud, S. (2008). “Interpretación de los sueños” Em *Obras Completas Vol IV y V*. Buenos Aires: Amorrortu.
3. Lacan, J. (1992). *El seminario. Libro 17*. Buenos Aires: Paidós.
4. Montesano, H. (2021). *El texto-clínico. Un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva.
5. Nietzsche, F. (2017). *El nacimiento de la tragedia*. Madrid: Gredos.
6. Sófocles. (2014). *Tragedias*. Barcelona: Biblioteca Gredos.

HAYDÉE MONTESANO

Doutora em psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Presidenta de APOLa.

E-mail: haydeemontesano@gmail.com